

Uma nova vida aguarda-a,  
mas o seu passado nunca  
será esquecido.

«Para fãs de  
Lesley Pearse  
e Penny  
Vincenzi.»

A  
Rapariga  
em  
Fuga

JOANNA REES

Autora bestseller do *Sunday Times*

TOP  
SEL  
LER

*Para a Roxie, com amor*

# 1

## A Invenção da Menina Casey

O silvo agudo acordou-a. Manteve-se imóvel por um segundo, sendo sacudida pelo balançar do comboio a vapor enquanto se recordava da sua fuga noturna através do campo iluminado pelo luar. Como vislumbrara o comboio parado, que cuspiu impacientemente nuvens prateadas para o ar da noite, como conseguira forçar a abertura da porta de madeira da carruagem com os dedos trémulos, e como se enroscara num canto por trás da mercadoria industrial e das embalagens da fábrica. E como apagara de exaustão e terror.

Agora sentia as pernas rígidas e doía-lhe a face de ter estado encostada contra o metal frio da maquinaria. E tinha frio. Muito frio. Batia os dentes de tanto tiritar no ambiente gelado. Sentia o mesmo sobresalto de quando adormecera, como se o medo andasse à solta dentro dela, como as aves no aviário da mãe.

Há quanto tempo não paravam? Faltaria muito para estar suficientemente longe? *Algum dia* estaria suficientemente longe?

Pensou no drama que com certeza se estaria a desenrolar naquele instante. Imaginou as caras tensas dos pais ao descobrirem o corpo de Clement no estábulo... o grito abafado da mãe.

Estariam sequer a pensar na filha? Já teriam ao menos reparado na sua ausência? *O mais provável é que não*, pensou com amargura. A mãe sempre fora uma presença etérea e confusa — dada a longos períodos de doença e preocupada apenas com as suas aves e a sua insistência absoluta em que houvesse silêncio. O pai, por outro lado, sempre fora tão irascível quanto a mãe era tímida, e deixara bem claro que Anna, tal como a mãe, sempre haviam sido um estorvo na sua vida. Abaixo dos cães na sua hierarquia de embirrações de estimação.

Mas talvez os pais tivessem chegado de imediato à conclusão certa. Com a ajuda, sem dúvida, de Mark, o moço de cavalaria. Nunca gostara dela, e não tinha qualquer dúvida de que ele teria prontamente contado como a vira fugir com quantas pernas tinha. E, se o fizera, a polícia com certeza já fora chamada. Talvez andassem já atrás dela...

Reprimiu novamente com firmeza o alvoroço de medo. Tinha conseguido fugir, não tinha? Tinha escapado.

Por baixo da porta de madeira da carruagem, captava uma nesga do mundo exterior. Fevereiro estava a chegar ao fim e, por baixo dela, desfilavam, numa velocidade estonteante, os carris entremeados de tufos de erva coberta de geada.

Pôs-se de pé, coxeando por ter as pernas entorpecidas com o frio. Esticou os braços com dificuldade, com as mangas do melhor casaco de lã da mãe rígidas com as camadas de roupa que tinha por baixo. A respiração transformava-se em vapor de água à frente da sua cara enquanto batia com os pés no chão, com as mãos enfiadas debaixo das axilas porque recomeçara a tremer de frio. Quando esfregou a cara, sentiu a marca que o metal da máquina lhe deixara na pele quando se encostara.

— Casey — leu ela em voz alta no ferro cinzento-acastanhado.

Casey.

*Podia ser o apelido dela.*

Menina Casey. Era bom enfrentar um novo dia com uma decisão acabada de tomar. Como a decisão de se esconder naquele comboio. Rápida e transformadora. Em vez de desespero, esta era uma nova forma de viver. Impetuosamente. Impulsivamente. O oposto do que fora até então — rebaixada, pisada, tão oprimida que a vida não passara de um cinzento agonizante e arrastado. Mas isso tinha ficado lá atrás. Porque agora que tinha fugido de Darton Hall, ela — Anna Darton — podia ser uma pessoa qualquer. Qualquer uma mesmo.

Casey... era isso mesmo.

Seria o seu nome. Não fora isso que decidira? Que se reinventaria à medida que fosse andando? Porque essa era a única maneira de lidar com a descida aterradora até ao seu futuro. Como se fosse areia a escorrer por uma ampulheta.

*Verity.* Surgiu subitamente. Não sabia porquê. Tinha a certeza de que nunca conhecera nenhuma Verity. A não ser aquela operária que

uma vez dançara à volta do mastro naquela festividade já distante. O sorriso da rapariga de seios fartos veio-lhe à memória.

Verity. Sim. *Soa bem*, pensou. Porque, a partir daquele momento, pela primeira vez na vida, era livre de ser a versão mais verdadeira de si própria. E, uma vez que estavam em 1926, podia ser tão moderna quanto quisesse. Tão moderna como aquelas corajosas sufragistas que deixavam o pai furioso.

— Verity Casey — disse em voz alta.

À volta dela, o ritmo do comboio parecia o começo de uma canção. Verity Casey não precisava de ter medo. Podia ser destemida.

E ela iria sê-lo.

## 2

### Sessenta Segundos

O comboio abrandou ao entrar nos subúrbios da cidade, e os travões nas grandes rodas rangeram de forma ensurdecadora por baixo das tábuas da carruagem. Depois de mexer e remexer na tranca durante 20 minutos tentando movê-la, conseguiu fazer deslizar a porta alguns centímetros, e agora ela — *Verity* — estava em pé, a ver passar os bairros de lata. Deixou que o sol nascente lhe banhasse o rosto, desejosa de um pouco de calor de que tanto precisava.

Nem se atrevera a esperar que o comboio se dirigisse para sul, mas na última hora tinham abrandado a marcha, e, ao passarem por uma estação, ouvira alguém anunciar que aquele era um comboio de mercadorias com destino a Londres.

Era uma bênção. O comboio podia ir para qualquer lado — não se importara com isso; só que fosse para longe daquele vale opressivo do Lancashire a que ela sempre chamara casa. Mas aquilo não era um sítio qualquer. Era Londres. A cidade de artistas, poetas, jovens revolucionárias, músicos e pessoas importantes junto de quem ambicionava respirar o mesmo ar. De alguma maneira, ir para Londres mudava tudo.

Espreitou para os carris por baixo dela e para os muros altos de tijolo que a ladeavam, manchados de fuligem negra, achando que lhe parecia tudo desumano e nada como o centro buliçoso de atividade que imaginava quando folheava ocasionalmente o *Daily Sketch*. Mas não se importava: tudo servia para a distrair dos pensamentos constantes acerca de Clement, que pareciam querer queimar a sua mente. *Não penses nele agora*, dizia a si própria. *Não penses nele de todo. Acabou. O longo reinado de terror do Clement terminou.*

Inspirou fundo o ar poluído, respirando o travo sulfuroso que lhe trazia à memória o cheiro de fósforos a serem acendidos, e perguntou-se se Martha estaria a acender o lume na sala de estar àquela hora. Por um inebriante instante, quando pensou em Martha *lá* e ela *cá*, sentiu fisicamente dentro de si a leveza da sua liberdade. Estava livre, não estava? Finalmente.

Por cima do aterro do caminho de ferro erguiam-se blocos habitacionais castanhos em direção ao céu branco. Viu uma corda com roupa a secar — ceroulas cinzentas esfarrapadas esticadas entre duas janelas altas e sujas. *Há quem lave a roupa suja em público; estes expõem-na*, pensou.

Sorriu, lembrando-se de como tinha debruado as suas cuecas com renda e depois as tinha tingido de cor-de-rosa com sumo de beterraba — para grande horror de Martha. Mas o que a rígida governanta da sua mãe não compreendia era que ter cuecas coloridas e aquele bocadinho de renda por baixo das saias deselegantes tinha a capacidade de alegrar infinitamente o dia de uma rapariga.

Mas Martha, com o seu cabelo branco e carranca sombria, sempre estivera do lado da mãe — o lado que acreditava que a roupa devia ser utilitária e funcional. Exatamente como abordavam a vida. Com medo de fazerem alguma coisa que pudesse atrair um mínimo de atenção. E isso era demasiado aborrecido.

Deveria sentir-se culpada por agora estar livre delas? Talvez, mas não sentia. Pelo contrário, sorria, abençoando em silêncio as pessoas dos blocos urbanos, apesar da sua roupa interior medonha. *Que Deus vos abençoe*, pensou.

Estava ansiosa por chegar. À cidade. Por estar entre as pessoas. Nas lojas, teatros e cafés. Estavam todos ali — tentadoramente perto. Quase conseguia cheirá-los. Mas como? Como poderia tornar-se parte daquilo? Agora que tinha fugido, como iria sobreviver? Como que ouvindo os seus pensamentos, o estômago soltou um poderoso ronco de fome.

Baixou-se para não ser vista quando outro comboio se aproximou numa linha paralela. Estava pintado de verde-escuro, com as janelas ostentando letras douradas estampadas. Dando uma espreitadela, viu um homem com um fato elegante a esticar-se para tirar uma mala de couro do compartimento de bagagem por cima da cabeça numa das carruagens cheias de bulício.

Para onde iria aquele comboio? Ou este, já agora? De facto, dava-se conta de que o comboio em que seguia poderia nem sequer parar numa estação de passageiros. E como se explicaria se fosse apanhada ali no meio da maquinaria? Poderia ser castigada — ou pior, poderiam descobrir que fugira.

Mas no outro comboio, no meio da multidão, poderia misturar-se e desaparecer. Pegou rapidamente na maleta de tecido que estava ao canto. Tinha de apanhar aquele comboio o mais depressa possível. O coração batia-lhe fortemente com a decisão que acabara de tomar. Era muito arriscado. Se alguém olhasse para fora pela janela, vê-la-ia.

*Daqui para a frente, faz uma coisa de cada vez.* Obrigou-se a gravar as palavras na mente, como se estivesse a batê-las letra a letra na máquina de escrever no escritório do pai.

— Sessenta segundos — sussurrou, preparando-se. — Vá lá, Verity Casey. Tu consegues.

Enterrou a boina de lã vermelha na cabeça e levantou a gola do casaco. Depois, o mais depressa que pôde, atirou o saco para a via-férrea e, desejando boa sorte a si própria, saltou.



### 3

## King's Cross

**A**terrou em cima da gravilha dura, com o coração aos saltos. Nunca se sentira tão exposta, tão pequena. Mas o seu instinto de sobrevivência entrou em ação quando olhou para o ventre de ferro do comboio, com os seus pistões aterradores.

*Tu és capaz.*

Pegou nas saias e atravessou aos pulinhos a via-férrea por cima das chulipas de madeira, como se estivesse a fugir de Clement saltitando de pedra em pedra por cima do ribeiro. Sempre fora mais rápida do que ele. E continuaria a sê-lo agora.

A porta do comboio era mais alta do que esperava. Içou-se a custo para cima do degrau de metal treliçado, para chegar ao manípulo de madeira. Ouvia uma das saias rasgar-se quando lhe deu um puxão para a libertar.

A porta abriu-se subitamente na direção dela e quase a fez perder o equilíbrio.

*Sessenta segundos. Está quase...*

Atirou o saco para dentro da carruagem e içou-se. Já lá dentro, rapidamente se pôs de pé, alisando as saias e apercebendo-se de que estava toda a tremer. Será que alguém a vira? Era difícil saber, mas de repente o comboio pôs-se em movimento. Os passageiros começaram a remexer-se nos compartimentos dos dois lados do corredor.

— Está bem, menina?

Era um homem — um revisor, percebeu ela num sobressalto, com a sobranceira a franzir-se sob a pala do boné, que a avistara no corredor estreito enquanto passava entre as carruagens. Se tivesse chegado uns segundos antes, teria testemunhado a sua entrada pouco graciosa.

Observou-o enquanto os olhos do homem se desviaram dela para a porta de madeira, mas depressa percebeu que ele pusera de parte a possibilidade de ela vir do exterior. Ela baixou os olhos para os nós dos dedos, ainda arranhados e ensanguentados. Esquecera-se de calçar as luvas e precisava de se recompor. Para não parecer... — céus, mal conseguia pensar na palavra — uma *criminosa*.

Encostou-se à parede do corredor e pôs as mãos atrás das costas.

— Só estava a apanhar ar, mais nada — disse, tentando esconder o tremor da voz com um levantar altivo do queixo, uma das coisas que aprendera naquelas horríveis lições de elocução em que a mãe insistira. Sabia que uma madeixa do longo cabelo lhe caíra do puxo que costumava usar, e teve de resistir à vontade de o soprar da cara.

— Tenha cuidado, menina. O degrau é muito alto. Não quero que uma jovem tão bonita caia e estrague esse lindo casaco — disse o revisor, tocando levemente no chapéu antes de seguir para a carruagem seguinte. — King's Cross é daqui a dois minutos — ouviu-o ainda dizer.

Olhou para baixo, para o casaco xadrez de lã lilás que era da mãe. Deu-se então conta pela primeira vez de como dava nas vistas com aquela roupa, de como o guarda seria capaz de a identificar pelo casaco e pelo chapéu se alguém viesse interrogá-lo. O que não aconteceria, tranquilizou-se. Ela estava prestes a tornar-se apenas uma de entre milhares de pessoas numa metrópole fervilhante.

Abriu a janela e debruçou-se sobre ela quando a plataforma apareceu. Os carregadores arrastavam carrinhos pelo meio da multidão de passageiros. O comboio abrandou e parou com um solavanco, soltando um vapor sibilante por baixo do relógio redondo, cujos ponteiros passavam naquele instante para as 9h30.

Anna — não, *Verity*, lembrou-se a si própria — abriu a porta e saltou para a plataforma, dirigindo-se de seguida apressadamente até um banco de madeira mais à frente. Aí chegada, calçou as luvas de pele que roubara da cómoda da mãe. Depois, fingindo que tinha de ir a um sítio importante e de cabeça bem erguida, avançou no meio da multidão em direção à zona de controlo de bilhetes.

Um imponente fiscal, de bigode grisalho farfalhudo, picava os bilhetes e deixava passar os passageiros para o átrio movimentado. O que lhe faria quando a apanhasse sem bilhete?

*Mas ela era Verity Casey e era nova em folha*, lembrou a si própria. Verity Casey podia muito bem ter perdido o bilhete. Podia muito bem estar a chegar de, digamos, York, para visitar a tia que vivia numa moradia elegante em Londres.

*Acredite em mim*, pensava ela irradiando confiança, ao aproximar-se do fiscal e sorrindo-lhe timidamente. A cozinheira sempre lhe dissera que poderia conseguir tudo o que quisesse batendo as pestanas dos seus olhos azul-bebé.

— Bilhete, menina.

— Ah, sim, claro — disse ela, rindo-se da sua própria palermice por não o ter já à mão. Enfiou a mão no bolso do casaco da mãe, não tirando os olhos do guarda e depois franzindo o sobrolho. — Oh, que estranho. Estava aqui ainda agora — disse ela. Continuou o espetáculo, procurando no outro bolso e depois na carteira. — Oh, não! Não me digam que o deixei cair. — Olhou para o chão atrás de si e depois para o guarda, acreditando tão piamente na sua mentira que até era capaz de verter uma lágrima.

— Com licença. Com licença! — Uma mulher irrompeu lá de trás com um carregador que puxava um carrinho cheio de bagagem. — A que se deve esta retenção? Estamos com pressa.

O inspetor olhou nos olhos suplicantes de Anna e tomou uma decisão.

— Passe lá, menina. Mas tenha mais cuidado para a próxima.

## 4

### Cabeçalhos

**A**garrando bem na mala e tentando dar a impressão de que tinha um objetivo, Anna saiu da estação, olhando para os automóveis e autocarros, táxis e bicicletas. O ambiente era barulhento e intimidante, e ela sentia dificuldade em respirar de tanto fumo. Mas era inebriante estar na cidade, ainda assim.

Passou por sinais indicando o metropolitano e viu as pessoas a desaparecerem pelas escadas abaixo pelo caminho pavimentado que dava acesso ao comboio subterrâneo. Viu então um cartaz que anunciava um espetáculo em Drury Lane. Era um teatro elegante em Covent Garden, certo? *Adoraria ir*, pensou. E havia de ir! A partir daquele momento podia fazer o que quisesse.

Deixou-se conduzir pela multidão ao longo do passeio até a uma fila para táxis e notou como todos pareciam ter um firme propósito: duas mulheres corpulentas de vestido preto e grandes plumas nos chapéus passaram por ela com dois cães à trela, seguidas por um rapaz que empurrava uma carroça de madeira cheia de leiteiras a chocalhar umas contra as outras, e por três cavalheiros, todos de bengala. O do bigode farto tirou o chapéu, em jeito de cumprimento, ao passar por ela.

*Todas estas vidas*, pensou, *todas estas pessoas tão atarefadas* — faziam-na sentir-se tão insignificante. De repente, Darton Hall parecia-lhe muito, muito distante.

Estava a aproximar-se da frente da fila e questionou-se se deveria apanhar um táxi. Mas para ir para onde? Não fazia qualquer ideia para onde se dirigir em Londres, ou onde ficar.

Permitindo-se tempo para pensar, abandonou a fila e encaminhou-se até um jovem ardina, mas ocorreu-lhe então que ela própria em

breve poderia estar nas notícias. Imaginou os cabeçalhos e o ardina a gritá-los: «Herdeiro da Fortuna de Darton Mills Encontrado Morto. Irmã Desaparecida.»

Parou e examinou os jornais à procura daquelas palavras, com o coração na garganta, antes de se tranquilizar pensando que ainda era cedo para o escândalo chegar à imprensa. Mas não tardaria muito. Com o elevado nível de ressentimento dos operários por causa das suas condições de trabalho, qualquer azar que acontecesse à odiosa família Darton seria muito provavelmente celebrado e comentado nos jornais.

A primeira página do *Daily News* chamou-lhe a atenção. A palavra encandeou-a, como se tivesse sido apanhada pelo clarão de um repórter fotográfico: «HOMICÍDIO».

A cara ensanguentada de Clement veio-lhe à mente como outro disparo da máquina do fotógrafo. Seria aquilo que os jornais iriam dizer? Quando descobrissem o que acontecera ao irmão? Porque ela tinha a certeza de que não iriam compreender que tivera de fazer aquilo que fizera. Que não tivera alternativa. Mas nunca ninguém acreditaria nela. Pelo menos em detrimento de Clement.

Imaginou-se no banco dos réus, algemada, o juiz sisudo com a sua cabeleira branca, a sua sentença implacável. Mas se fosse novamente confrontada com a mesma situação, faria a mesma coisa, e voltaria a fazê-lo as vezes que fossem necessárias. Disso tinha ela a certeza.

Ainda assim, tomava agora consciência de que o conhecimento daquilo — do seu crime — estava a tornar-se uma *coisa* a cada hora que passava. Uma coisa difícil de rotular: culpa, terror, incredulidade — com todas as decisões que tomara e tudo o que deixara para trás. Mas sobretudo uma sensação de legítima indignação. Clement tivera o que merecia. *Não tivera?* Se ela não tivesse feito o que fez, ele tê-la-ia atormentado para sempre. Foi uma escolha: a vida dele ou a dela.

*Não penses nisso. Acabou. Já passou,* dizia a si própria, forçando-se a continuar a andar.

— Anda à procura de alguma coisa, menina? — perguntou o rapaz do quiosque. Tinha um estranho sotaque *cockney*<sup>1</sup>, e ela foi apanhada de surpresa por ele se lhe dirigir, mas viu que estava apenas a ser simpático.

---

<sup>1</sup> Sotaque londrino associado a habitantes do East End. [N. T.]

— Oh, não. Bem, talvez um hotel.

— Tente o Midland Grand. Ali em cima — disse ele, indicando com o queixo um edifício imponente de tijolo vermelho com uma torre de relógio ao fundo da rua. — Os janotas vão todos para lá.

— Obrigada — agradeceu em voz baixa.

O ardina assentiu com a cabeça e anunciou bem alto:

— Edição especial! Saiba tudo!

## 5

### O Grand Hotel

**A**nna subiu intrepidamente as escadas de pedra do enorme hotel, chamando a atenção do porteiro, na sua elegante libré cinzenta. Era mais velho do que ela, mas não muito, e era bonito, reconheceu ela. Não estava habituada a ver homens tão barbeados e aperaltados, e deu por si a corar quando ele lhe sorriu.

— Bom dia. Bem-vinda ao Midland Grand — disse ele, tocando ao de leve no chapéu.

— Olá — cumprimentou ela.

— Posso ajudá-la a levar o saco?

— Oh, não. Obrigada. Não pesa muito.

Mas naquele preciso momento a ponta do seu pé embateu no último degrau e ele apanhou-a pelo cotovelo ao vê-la desequilibrar-se. Ela recompôs-se rapidamente, sentindo-se embaraçada.

— Desculpe — disse ela.

— Não tem de quê.

Acompanhou-a pela porta giratória de madeira, dizendo-lhe para seguir sempre em frente, e ela teve de conter um risinho nervoso. Uma porta giratória! O porteiro detetou-lhe o empolgamento no olhar ao entrar depois dela e sorriu.

— Quer dar outra voltinha?

— Não, não, obrigada — respondeu ela, embora outra voltinha fosse divertido.

— Vou ver se lhe encontro o pacote — disse-lhe ele, pondo-se em bicos de pés, como se estivesse à procura de alguém.

A atenção dela focava-se agora no interior do hotel. Uma vasta escadaria erguia-se desde os mosaicos com bonitos padrões e dividia-se

em duas, avançando para cima, iluminada por janelas com pelo menos 15 metros de altura. As paredes estavam pintadas de vermelho e havia suntuosos fetos plantados em enormes vasos.

O átrio estava cheio de gente — um grupo de mulheres mais velhas que se dirigia para a área de convívio, empregados de mesa que passavam com as bandejas de prata no ar. Ouvia o som distante de um quarteto de cordas a tocar.

— Vim encontrar-me com a minha tia — explicou ela ao porteiro, esperando que a mentira parecesse plausível. — Mas está atrasada, por isso preciso de um quarto. Um quarto de solteira. Só por uma noite.

— Muito bem, menina — disse o porteiro, como se aquela fosse uma explicação perfeitamente razoável. — Não vejo o pacote. Siga-me, que eu acompanho-a à recepção.

Ele passou facilmente pelo meio das pessoas, levando-lhe a maleta de tecido, mas Anna quase teve de correr para o conseguir acompanhar. Quando chegaram à imponente recepção, chamou um dos colegas para a atender. De seguida retirou-se, voltando a tocar no chapéu.

— Sou o Wilf — disse-lhe ele. — Se precisar de alguma coisa, seja o que for, durante a sua estadia, posso ajudá-la — continuou, com um sorriso tão simpático que ela também lhe sorriu. Afinal talvez Londres não fosse uma cidade assim tão complicada.

O homem da recepção consultou longamente o livro de reservas antes de concordar em lhe arranjar um quarto. Uma singela noite custar-lhe-ia um terço do precioso e escasso dinheiro que tinha, mas era demasiado tarde para recuar.

— Assine aqui, por favor — disse o homem, virando um pesado livro encadernado a couro para ela. Mas, quando ergueu o olhar para ela, Anna viu-lhe os olhos semicerrarem-se como se a tivesse visto à transparência.

Perturbada com o escrutínio, escreveu o nome — Anna Darton — e a morada, quase sem pensar; depois, dando conta do erro, hesitou, mas era tarde demais para os rasurar. O homem lançou-lhe um olhar intrigado, mas não lhe fez mais perguntas.

Sentiu as faces a arder ao seguir o *concierge* de libré para dentro de um elevador e depois por um corredor atapetado para o terceiro andar. Porque não tinha escrito Verity Casey? Era suposto ela ser uma nova personagem, lembrou-se, mas falhou logo no primeiro teste.



O *concierge* abriu-lhe a porta para um quarto confortável e pousou a maleta pelintra dela numa banquetta para as malas. Tocou então no chapéu, sem a olhar diretamente nos olhos, mas, ao virar-se para sair, Anna questionou-se se não lhe deveria dar uma gorjeta.

— Espere! — pediu ela, levando a mão ao bolso e tirando uma nota. — Tome — disse, entregando-lha.

— Mas é excessivo, menina — disse ele, com surpresa.

E era, mas não tinha dinheiro trocado e não ia pedir ao rapaz que lhe desse troco. Por isso, limitou-se a reprimir a sensação crescente de que tudo aquilo se começava a descontrolar e decidiu que, por uma vez, poderia ser generosa. Acenou com a mão como se gorjetas daquelas fossem comuns.

O rapaz sorriu e foi-se embora. Finalmente só, Anna fechou a porta e encostou-se a ela, soltando um longo suspiro.

O quarto era pequeno e tinha uma minúscula lareira com mosaicos e uma cornija com um espelho oval que refletia a luz que entrava pela janela. Junto à janela estava uma cama de madeira com um edredão de seda azul-claro e uma bonita cadeira estofada a condizer. Comparado com o quarto dela em casa, era gloriosamente moderno e confortável. Havia um conjunto de toalhas com monograma num toalheiro de madeira. Só para ela.

Ficou a olhar para o quarto com aquela cornija vistosa, pensando o que iria fazer a seguir. E a mente começou-lhe a zunir. *Conseguira. Estava mesmo ali, em Londres. Num hotel luxuoso, onde tinha dado uma gorjeta igualmente luxuosa.* Tais proezas faziam-na sentir-se simultaneamente extravagante e deliciosamente imprudente.

Pegou numa toalha, olhou para ambos os lados do corredor e foi até à casa de banho comum. Fechou a porta à chave e ficou de pé junto do grande lavatório de porcelana, olhando-se ao espelho, sentindo que os seus olhos azuis pertenciam a uma estranha. Que diferença em relação à criança que era até há bem poucos dias. Era como se tivesse crescido dez anos da noite para o dia, e o rosto refletia-o.

Virou as costas ao reflexo e tirou rapidamente a roupa, lavando-se na banheira e depois vestindo o seu vestido azul mais elegante. Era um grande alívio livrar-se de todas aquelas camadas de roupa.

Voltou para o quarto e desprendeu o longo cabelo, desenrizando-o. O cabelo ainda cheirava vagamente a casa, e rapidamente o entrançou

e prendeu. Depois, satisfeita com a sua aparência, olhou pela pequena janela para as outras janelas que davam para o pátio nas traseiras do hotel e decidiu ser corajosa. Já que chegara até ali, tinha de explorar. Quem sabia quanto tempo tinha até alguém a descobrir? E, quando isso acontecesse, queria ter algumas recordações — boas recordações — para se lembrar do tempo em que tinha andado fugida.

Sentindo-se demasiado nervosa para andar de elevador sozinha, encolheu os ombros dentro do casaco e desceu a escadaria lentamente, admirando a arte nas paredes e o suave corrimão de madeira. Passou por vários outros hóspedes, questionando-se o que pensariam dela. Veriam Verity Casey, uma jovem elegante que se poderia integrar na sociedade londrina, ou Anna Darton, uma miúda assustada que cometera um crime terrível? Esperava que vissem a primeira.

— É a primeira vez que vem a Londres, menina? — perguntou-lhe o porteiro Wilf ao sair.

Assentiu com a cabeça, baixando-a. Seria assim tão óbvio?

— Piccadilly Circus fica muito longe? — perguntou ela.

— Apanhe um autocarro. É logo ali — disse ele, apontando para a paragem de autocarro. — Se apanhar esse autocarro, verá todos os pontos turísticos.

## 6

### Eros

**A**nna estava habituada a ouvir os discursos inflamados do pai sobre a «flagrante imoralidade» de Londres, mas, ao olhar para tudo do topo do autocarro — a exuberante cor e magnificência da cidade —, tudo ficou claro na sua mente. Ela própria se iria transformar numa pessoa «flagrantemente imoral». O mais depressa possível.

Estava tão distraída a olhar para as pessoas e os edifícios que por pouco não desceu os degraus exteriores a tempo de sair do autocarro no final de Regent Street.

Ficou espedada no passeio, absorvendo os carros a buzinar, a estátua de Eros e o átrio curvo do Criterion Theatre. Só vira Piccadilly Circus numa caixa de cigarros que roubara do escritório de Clement, mas agora apetecia-lhe beliscar-se. Aquilo estava mesmo a acontecer. Estava mesmo ali.

Os pombos erguiam-se em voo, batendo as asas num aplauso que um seu lado sonhador imaginava ser-lhe dirigido. Porque apercebia-se agora de que não esperava mesmo conseguir fugir. *Desaparecer* assim. Esta consciencialização encheu-a de uma euforia estranha e nervosa.

Pôs-se a olhar para duas mulheres cobertas de peles de raposa e marta, e para uma criança pequena com um fatinho de três peças amarelo-torrado e boné a condizer, saltitando ao lado de uma ama que empurrava um pesado carrinho de bebé azul-marinho. Um veterano de guerra coxeava agarrado às muletas. *Pobre homem*. Mais uma alma corajosa ferida por aquela guerra horrível. Porque tinha levado tantos homens bons e poupado monstros como o Clement?

Atravessou a rua e dirigiu-se para a estátua de Eros, tão perturbada com os pensamentos sombrios sobre Clement que o corpo lhe tremia.

Talvez tocar na famosa estátua lhe desse sorte. Talvez tornasse a Verity Casey real. Desejou intensamente que tal acontecesse enquanto subia as escadas e estendia a mão trémula para o bronze curvilíneo e enegrecido. As cabeças de peixe no complexo padrão miravam-na com frieza.

Passou a mão pela borda suave do reservatório, contornando a estátua e lendo a inscrição: *A forte compaixão do seu coração e o grande poder da sua mente...*

O coração forte de Clement estava parado. E a sua mente astuta também estava morta. Impressionada pela enormidade destes factos graníticos, Anna olhou para cima, para o arco de Eros contra as nuvens cinzentas. Fora ela que lhe fizera aquilo. O irmão desaparecera para sempre. Por causa dela. E, de repente, a imagem do irmão ainda criança, soltando risadas no Natal, com a boca suja de creme da sobremesa, fê-la engolir em seco e trouxe-lhe lágrimas aos olhos.

Começava a cair um leve chuvisco e as pessoas apressavam o passo no passeio, abrindo os guarda-chuvas. Da sua posição estratégica, cada disco preto parecia-lhe uma censura pessoal, um lembrete da sua culpa e desesperança.

Agora, a euforia inebriante que sentira pouco antes desaparecia, e os factos pareciam esbofeteá-la um a um, tão tangíveis como as gotas da chuva. Fugia de tudo e de toda a gente que conhecia. Era uma fugitiva solitária nesta metrópole aterradora, com apenas duas libras no bolso e sem um único amigo no mundo. Podiam acontecer coisas terríveis a uma rapariga como ela. Partira do princípio de que cairia de pé, mas e se se estatelasse? O que seria dela?

Olhou para cima, para a ponta do arco de Eros, com a cara à chuva, e formulou um desejo: *Por favor, alguém... por favor, salvem-me.*

Mas nada aconteceu. Anna esperou uns bons cinco minutos, sentindo o chuviscar tornar-se mais intenso e ensopar-lhe o casaco de lã, recebendo-o como um castigo. Sabia que deveria encontrar um sítio para se abrigar, mas sentia-se de alguma forma presa à estátua. Pelo menos estando ali, no centro de Londres, podia imaginar que, por instantes, ela era a acalmia no olho do furacão. Se se afastasse, um remoinho de problemas levá-la-ia pelos ares.

Espirrou alto e estremeceu; estava a bater os dentes de tanto frio. Veio-lhe então à cabeça o comboio e como tinha passado a noite gelada.

— Vá lá — disse ela em voz alta. — Controla-te.

O que lhe diria Marta para fazer? Sem dúvida que lhe sugeriria uma refeição quente e uma boa noite de sono. Sim, era provavelmente a melhor solução. Apanhou o autocarro de regresso ao hotel e ficou dececionada por não encontrar o seu novo amigo, Wilf, à porta. Jantou cedo, uma empada de carne e feijão, sozinha na sala de jantar. Estava deliciosa, mas não conseguia deixar de calcular quanto custava cada garfada.

Enquanto comia, tentou concentrar-se nos acontecimentos que precipitaram a sua fuga de Darton Hall, mas parecia que começavam a ficar-lhe desfocados na memória, ameaçando tornarem-se um borrão.

Agora, quando pensava no seu lar, só conseguia ver os blocos cinzentos pouco nítidos de Darton Hall na chuva de fim de tarde. Lembrava-se de tudo o que precedera a sua fuga como se tivesse acontecido a outra pessoa, noutro tempo. Como discutira com o pai por causa de Clement e ele a esbofeteara e mandara para o quarto. Aí, abrira as gavetas bafientas da cómoda e atafulhara com roupa a maleta de tecido sobre a cama, com as lágrimas a escorrerem-lhe pela cara.

Questionava-se agora o que teria acontecido se tivesse conseguido fugir apenas com aquela determinação. Se a sua fúria angustiada se manteria. Ou se teria esmorecido e se teria escapulido de regresso a casa, antes que alguém notasse que tinha desaparecido. Se teria succumbido ao padrão que sempre lhe moldou a vida: medo e culpa que conduziam a remorso e penitência.

Mas Clement intercetara-lhe a fuga, e a determinação transformara-se numa necessidade.

E agora estava feito. Tinha partido de vez.

Depois do jantar, passeou lentamente pelas áreas públicas do hotel, admirada por haver uma Sala de Fumo das Senhoras e desejando ter a ousadia de lá entrar. Estava a decorrer uma palestra num dos salões e um recital de violoncelo no outro, mas não conseguiu convencer-se a juntar-se aos eventos, com medo de ser descoberta. Contudo, ansiava por alguém com quem falar — fosse quem fosse que a pudesse impedir de ficar a sós com a sua consciência. Mas todos a ignoravam. E mais tarde, ao aninhar-se na cama de solteira, Anna sentiu-se tão só que chorou até adormecer.

## A Empregada de Hotel

**A**nna acordou a tremer, embora o quarto estivesse bastante quente, pois a criada tinha acendido a lareira na noite anterior. Inicialmente pensou que ainda estava em Darton Hall, mas depois lembrou-se e saltou para fora da cama, como se isso a distanciasse da terrível sensação de culpa. Vestiu-se apressadamente, contou o dinheiro e deu conta de que teria de gizarr um plano.

No dia anterior não pensara bem, mas agora parecia gritantemente óbvio: se os pais tivessem alertado a polícia e eles deduzissem que ela podia ter-se metido no comboio, iriam certamente ao hotel mais próximo e descobri-la-iam. E a prova estaria ali: o nome dela no livro.

Não, só havia uma coisa a fazer. E depressa. E não era só isso; teria de encontrar um trabalho qualquer. Nunca lhe ocorrera que subsistir na cidade pudesse ser tão caro. Não tinha qualquer relutância em sujar as mãos. Já ouvira falar muito das jovens da sociedade que tinham trabalhado no Guy's Hospital durante a guerra e sabia que não teria problemas em «misturar-se com as massas», como diria a mãe. Mas como?

Tomou o pequeno-almoço sentada à pequena mesa entre duas frondosas aspidistras, olhando para os outros comensais, não sabendo por que motivo lhe doía tanto a cabeça. Cruzou o olhar com várias pessoas, pensando se alguma teria pena dela e falaria com ela, mas todas estavam firmemente obcecadas com as suas vidas.

Sentiu-se arrasada pelas escolhas que teria de fazer sozinha, sem qualquer orientação. Tentou lembrar-se da sua promessa de viver impetuosamente, mas era muito mais difícil do que imaginara, agora que ali estava.

A sua vontade de escapar era demasiado avassaladora, mas agora as decisões impulsivas que tomara — uma após a outra, nas últimas 48 horas — pareciam subitamente esmagadoras. E insensatas, também. Não esboçara qualquer plano. E continuava a não ter um plano.

— Espero que não me leve a mal a pergunta, mas é difícil arranjar emprego num hotel como este? — perguntou Anna à empregada de mesa enquanto esta lhe servia o chá.

A jovem pareceu surpreendida. Tinha uma cara vulgar com grandes olhos castanhos.

— Não sei dizer, menina — respondeu ela, na defensiva, como se Anna estivesse a pôr em causa o direito dela ao seu emprego. — Sei que há uma lista de espera. Há sempre.

Anna anuiu com a cabeça, sorrindo para a rapariga.

— Compreendo.

Sentiu-se estúpida por ofender a empregada. E patética por sequer tentar cruzar a fronteira de classe que a rapariga claramente sentia existir entre elas.

— É que não tenho dinheiro para ficar aqui — confidenciou-lhe, esperando remediar a situação. Queria que a rapariga sentisse empatia por ela.

— Não há muita gente que tenha. Uma noite custa mais do que eu ganho num mês.

Este facto fê-la cair em si. Como sobreviveria ela, se uma pessoa como aquela rapariga, com um emprego decente, ganhava assim tão pouco?

Só então se apercebeu de como estava pateticamente mal preparada para a vida e para a presente situação. Os seus dotes de cavaleira ou o facto de saber executar passos de balé e piruetas seriam obviamente inúteis em Londres, tal como os seus medíocres talentos de pianista. Sabia costurar e adorava a moda, mas como poderia usar qualquer uma dessas competências para ganhar dinheiro?

— Preciso de encontrar outro sítio para ficar. Antes de a minha tia chegar — apressou-se a acrescentar, lembrando-se da sua mentira. — Sabe onde posso encontrar alojamento barato?

— Eu vivo com os meus pais — respondeu a rapariga, com um encolher de ombros. — Não lhe sei dizer.

## 8

### A Pensão

**A**nna fez a mala lentamente, aproveitando a estadia no hotel até ao último minuto. Tinha acreditado que poderia chegar a Londres e reinventar-se, alcançando sem esforço uma vida glamorosa e de abundância. Estava convencidíssima de que existia um lugar naquela cidade à espera dela, mas via agora como havia sido insensata.

Metendo a roupa de qualquer maneira na maleta de tecido, tentou fortalecer-se para o que a esperava lá fora. Esta havia sido provavelmente a parte mais fácil, concluiu ela. Agora é que começaria o verdadeiro teste à sua resistência, embora lá no fundo ansiasse por se esgueirar de volta para a sua caminha confortável e puxar as mantas por cima da cabeça.

Quando saiu do hotel, ficou contente por ver Wilf à porta.

— Para onde vai? — perguntou ele.

Ela ergueu os olhos para o céu cinzento e para a rua apinhada de gente.

— Não sei.

— Não sabe? — quis confirmar ele com um sorriso divertido.

Anna deu conta de como devia parecer ingénuas.

— A minha tia está atrasada e decidi ficar em Londres, mas vou precisar de um sítio mais barato para ficar.

— Vai precisar de uma pensão — disse ele. — É difícil encontrar uma boa. Até aí sei eu. Ouvi dizer que há pensões decentes em Brunswick Square.

— Onde fica isso?

— Em Bloomsbury.



— Obrigada — agradeceu ela, como se já tivesse ouvido falar de Bloomsbury. Quem lhe dera ter dinheiro a mais para lhe poder dar uma gorjeta.

— Apanhe o metro; é o que eu faria — disse ele, vendo a confusão dela. — Vai encontrar os mapas em King's Cross. Boa sorte, menina — gritou-lhe ele depois de Anna começar a andar, e ela sentiu uma ânsia por deixar tanto luxo e simpatia.

Comprou um mapa, mas era difícil encontrar Brunswick Square, especialmente porque o metro era muito mais confuso e assustador do que esperava.

Sentou-se na ponta do banco almofadado, agarrada ao braço do assento, olhando para o seu reflexo na janela escura. As luzes tremeluziam e ela sentia o medo a percorrer-lhe as entranhas. E se o metro avariasse ou parasse? Não gostava da sensação que o homem que estava agarrado à correia de couro lhe estava a causar, nem do barulho do comboio a assobiar pelos túneis fora. Sentiu pavor de se perder, mas depois lembrou-se que tecnicamente já estava perdida. Espirrou e estremeceu. Não se sentia mesmo nada bem.

Quando encontrou Brunswick Square, a cabeça de Anna latejava. Caminhou pelo passeio junto do gradeamento negro e levantou os olhos para as encardidas casas geminadas. Aquilo era totalmente diferente do Midland Grand.

Mas não tinha escolha, lembrou-se. E precisava tanto de se deitar. Sentia arrepios a subir e a descer-lhe pela coluna. Sempre tinha sido forte e pouco dada a maleitas, por isso, naquele momento, a ideia de poder estar doente arrasava-a. Como tomaria conta de si própria se se sentisse mal? E o que aconteceria se ficasse mesmo doente? E se morresse?

Na janela da frente da terceira casa, Anna viu uma placa a dizer «Quartos vagos» e empurrou o portão de ferro, que se abriu com um chiar ruidoso. Bateu à porta, rezando para que fosse uma cara simpática a abri-la. Apareceu-lhe uma mulher de cara vermelha com mãos ásperas e um avental sujo. Mirou Anna com frieza de alto a baixo. Quando Anna explicou que estava à procura de alojamento e que tinha visto a placa a dizer que havia quartos vagos, a mulher fez um som de desaprovação.

— Você é uma finoriazinha, não é? — zombou outra mulher.

Anna percebeu que a voz pertencia a uma mulher que estava à porta da casa ao lado e se lhe dirigia por cima do gradeamento. Estava com um xaile de franjas vermelhas, o cabelo pintado de um cor de laranja alarmante e os lábios esborratados de vermelho, a condizer com o xaile. — Anda à procura de alojamento?

— Ando — admitiu Anna, dando um passo na direção da mulher.

— Ei, Rose, deixa-a em paz — advertiu a senhoria, dando um passo em frente e agarrando Anna pelo braço. — Entre cá, menina — disse ela.

Confusa, Anna olhou para Rose, vendo a mulher rir com astúcia e passar a língua pelos lábios, e seguiu a senhoria pela porta da frente encardida.

— Não fale com gente daquela laia — aconselhou-a a mulher. — Aquela, se pudesse, comia-a ao pequeno-almoço.

Anna sentiu-se confusa. Depois de Wilf, Rose fora a pessoa mais simpática que conhecera desde que chegara a Londres.

A casa cheirava a fritos e o papel de parede estava manchado de riscos de humidade. Anna tranquilizou-se, repetindo a si própria que não era tão mau como parecia, mas mesmo assim teve de se conter para não levar a manga do casaco ao nariz para disfarçar o cheiro.

Na cozinha, uma enorme panela fervia num fogão negro e a pia estava cheia de louça suja.

— Chamo-me Sra. Jackson — disse a mulher.

Anna quase se apresentou como Verity Casey, mas achou que a Sra. Jackson se poderia rir dela, por isso, disse o seu nome.

— Eu sou a Anna.

A Sra. Jackson olhou-a com desconfiança.

— Vai ficar muito tempo? Tem trabalho?

— Não, não tenho. É que acabei de chegar...

— Não me parece estar muito bem. Está grávida? Não a aceito se estiver grávida.

— Não! — retorquiu Anna, surpreendida por a mulher tirar conclusões tão radicais acerca dela. — Estou com uma grande dor de cabeça. Só isso.

— Está bem, desculpe ter perguntado, mas uma das minhas últimas hóspedes arranjou para aqui uma grande confusão.

— Quem é esta?

Anna virou-se e viu um homem com braços que pareciam presuntos a entrar pela porta das traseiras, com uma camisa suja e sem colarinho, com os suspensórios caídos.

Anna recuou. Algo não estava bem — aquelas pessoas... eram do tipo errado. Sentia-o, agora que era percorrida por um arrepio e o homem a mirava da cabeça aos pés. Não devia ter entrado, percebeu. Devia ter procurado e encontrado um sítio respeitável.

— É nova. Acabadinha de chegar — disse a Sra. Jackson.

O homem chegou-se ao pé de Anna e olhou-a nos olhos, antes de apalpar o colarinho de lã do seu casaco com os dedos sujos.

— Um mês adiantado — disse o homem. Anna encolheu-se para lhe evitar o bafo. — Pode ficar com o quarto do terceiro andar.

Apeteceu-lhe fugir, mas forçou-se a ficar calma, embora sentisse o estômago às voltas de apreensão. Entregou quase todo o dinheiro que lhe restava ao homem, que a aterrorizava quase tanto quanto Clement. Estava furiosa consigo própria ao subir as escadas instáveis, mas sentia-se sem energia.

Passaram por uma rapariga de cabelo loiro. Trazia um vestido moderno e avaliou Anna com o olhar.

— Oh, uma rapariga nova — exclamou ela. Anna ficou perturbada com o sorriso manhoso que ela lhe esboçou. — Boa sorte *naquele* quarto.

— Não faça caso da Suzanna — disse o Sr. Jackson.

Mas Anna ficou a olhar para ela a esvoaçar escada abaixo. Ouviu vozes de outras jovens e sentiu-se um pouco mais animada. Seria possível arranjar amigas ali?

O Sr. Jackson abriu a porta que dava para um pequeno quarto ao fundo do corredor. Sobre uma cadeira estava um penico a descascar que apanhava as pingas que caíam de uma greta no teto. O ar era acre, cheirava a fumo velho e a humidade. Devia ser aquilo a que Suzanna se referia, sobre precisar de sorte para aquele quarto. Era horrível. Nem imaginava o que Martha diria de ela ficar num sítio tão horrível, mas era tarde demais para recuar.

Estremeceu e tentou sorrir e dizer ao Sr. Jackson que servia perfeitamente, mas o homem limitou-se a bater a porta com força. Anna cerrou os lábios, dizendo a si própria para ser forte enquanto pousava a maleta. Como pôde ser tão estúpida ao ponto de entregar todo o seu dinheiro antes de ver o quarto? Sentiu-se zangada consigo própria por

ele se ter aproveitado dela tão facilmente. E aquela rapariga, Suzanna, devia ter pensado que ela era uma perfeita idiota.

Do outro lado da parede, ouviu um casal a discutir. Depois ouviu o som de alguém a ser atingido e um grito. Anna arquejou, correu para a porta e abriu-a. O Sr. Jackson estava do outro lado, encostado ao corrimão instável como se estivesse à espera dela.

— Meta-se na sua vida, menina — disse ele, fazendo um gesto com a cabeça para ela voltar para o quarto. — Linda menina.

## 9

### Roubada

**A** febre veio com uma intensidade tão assustadora que Anna não foi capaz de se levantar na manhã seguinte. Ora tremia de frio ora transpirava na cama húmida, ouvindo os estranhos sons da casa, não sabendo o que era real e o que havia sido sonhado.

Disse a si própria para se controlar, mas os ossos pesavam-lhe como chumbo e desistiu de se tentar vestir. A determinada altura, a Sra. Jackson subira ao quarto, trazendo-lhe depois relutantemente uma sopa, e Anna tentara garantir-lhe, tiritando, que rapidamente se iria recompor. Mas, pela calada da noite, com bêbedos a cambalear pela rua lá em baixo e o casal a discutir do outro lado da parede fina, sentiu-se tão mal que pensou que podia estar a morrer. Quando a manhã chegou, a febre continuou a subir.

Passaram dias, e ela ora estava consciente ora não, com sonhos delirantes acerca de Clement a assombrar-lhe a mente. A determinada altura, estava convencida de que Clement estava no quarto com ela, dizendo-lhe para não fazer barulho; e, embora parte dela soubesse que estava sozinha e a quilómetros de casa, ainda assim tremia aterrorizada. Por vezes, gritava por Martha — de todas as pessoas no mundo... Os dias passavam e Anna convenceu-se de que era o fim.

Acordou quase uma semana depois com o som de sinos de uma igreja e o cantar dos pássaros. Era domingo de manhã e Anna estava esfomeada — e bastante melhor, ao ponto de se levantar.

Dirigiu-se para a casa de banho surrenta com as pernas bambas, grata pela água fria para poder lavar o suor acre. Quando se viu ao espelho, tinha olheiras escuras e a pele macilenta.

— Não morreste — disse ela ao seu reflexo. — Pelo menos isso.

De volta ao quarto, recostou-se na cama com um suspiro e reuniu a roupa para se vestir. Enfiou a mão no bolso para contar o resto do dinheiro de modo a poder gizarr um plano, mas as notas não estavam lá. Procurou na mala e na roupa mais duas vezes; porém, o dinheiro tinha desaparecido. Sentiu o desespero crescer dentro dela.

Já lá em baixo, na cozinha, perdeu a coragem de confrontar a Sra. Jackson a respeito do dinheiro desaparecido. A senhoria não parecia particularmente interessada em que estivesse melhor, somente aliviada por não ter morrido. Pediu o pequeno-almoço, mas a Sra. Jackson disse que não tinha muita coisa em casa e que Anna deveria esperar na sala de estar. Suzanna, a rapariga que vira nas escadas, sorriu-lhe quando entrou na pequena sala. Estava deitada num dos sofás, com os pés pousados no braço do sofá, a fumar um cigarro.

— Tiveste bastante febre — disse ela.

— Eu sei.

— Estávamos preocupadas contigo.

*Tão preocupadas que até me roubaram, apeteceu-lhe dizer.*

— Acho que estou melhor.

Deviam ser mais ou menos da mesma idade, mas Suzanna parecia muito mais mundana. Falaram do tempo e depois Anna reuniu coragem para lhe dizer que fora roubada.

— Claro que foste. Não trancaste a porta. Não se pode confiar em ninguém aqui.

Anna concordou com um gesto de cabeça, sentindo-se estúpida.

— Não sei o que fazer agora que fiquei sem dinheiro. Preciso de um emprego, e depressa.

Suzanna inclinou-se para a frente, lançando um olhar para a porta como se tivesse medo de ser ouvida pela Sra. Jackson.

— Podias trabalhar para a Rose.

Anna lembrou-se da mulher da porta ao lado e do olhar malicioso que lhe deitara.

— Trabalhar a fazer o quê?

— Oh, és mesmo inocente! — exclamou Suzanna, rindo-se. Anna estava obviamente confusa, pelo que Suzanna esclareceu-a. — Ela tem um serviço de acompanhantes. Nós... — fez uma pausa, inalando o fumo do cigarro — acompanhamos certos cavalheiros.

Anna sentiu o rubor subir-lhe ao rosto.

— Eu não conseguiria, quer dizer...

— Não é para todas, garanto-te — disse Suzanne, facilitando-lhe a vida. Pôs-se de pé e cruzou os braços sobre a cintura fina, avaliando Anna. — Se estás mesmo com falta de dinheiro, posso comprar-te esse casaco — ofereceu ela, olhando para o casaco xadrez de Theresa Darton que Anna tinha dobrado sobre o braço.

— Isto? — perguntou Anna, levantando-o.

— Sim. Preciso de um casaco novo e gostei desse assim que te vi.

Anna não pôde deixar de achar que o dinheiro que Suzanna lhe entregou minutos mais tarde estava bastante sebooso, mas não se importou.

Quando a Sra. Jackson trouxe o chá, Anna carregou-o de açúcar e depois pegou no jornal que estava dobrado em cima da pequena mesa de madeira junto da lareira, curvando-se sobre ele à procura de notícias de Darton. Leu também todos os obituários, procurando alguma referência a Clement.

Mas não havia nada sobre Lancashire, por isso pousou o jornal. Viu então um anúncio de um espetáculo. Passou o dedo sobre a fotografia das coristas. As raparigas de pernas compridas e sorrisos luminosos — se ao menos conseguisse ser uma delas. Se ao menos conseguisse fazer parte de alguma coisa. Mas sentia-se como um fantasma. Estava ali, mas não propriamente ali.

Saiu sem destino e encontrou uma igreja na esquina da rua. O serviço tinha acabado e Anna entrou e sentou-se no banco, olhando para a cruz de madeira por cima do altar.

Quisera tanto tornar-se Verity Casey, com um futuro brilhante; porém, em vez disso, perdera o dinheiro todo, e, com ele, a esperança. E agora, tendo passado a pior semana da sua vida, sozinha e doente, rezou para que as coisas comesçassem a melhorar. Mas foi tomada por uma sensação de medo que lhe dava voltas ao estômago. O que ganhara com a venda do casaco da mãe só a manteria durante algum tempo, e não tardaria muito estaria sem um tostão. E depois?

A pensão era má, mas ficar na rua seria muito pior. A palavra «indigente» ocorreu-lhe à mente. Anna sabia muito bem o que era a vergonha de ser indigente. O pai acreditava que quem ficava sem casa era degenerado ou débil mental, pelo que merecia inteiramente o destino

que lhe tocava. Ele e Clement sempre foram lesto a zombar dos pobres e desafortunados. Mas talvez tivessem razão. Talvez também ela merecesse inteiramente o destino que lhe tocava.

Pensou por instantes na proposta de Suzanna e em como poderia trabalhar para Rose, mas nunca poderia fazer isso, pois não? Seria essa a única saída? Vender o corpo para poder comer?

Talvez devesse mandar um telegrama aos pais. Admitir o que fizera. Pedir-lhes que lhe pagassem o bilhete de regresso a casa, onde teria de enfrentar a polícia e o seu castigo — embora isto já lhe parecesse castigo suficiente.

Mas depois... tinha chegado até ali, não tinha? A Londres. A um sítio com o qual apenas sonhara. Pensou no anúncio de jornal e nas coristas sorridentes.

— Por favor, Deus — sussurrou ela. — Sei que provavelmente já não acreditamos muito um no outro, mas, por favor, se estiveres aí, dá-me força.



## 10

### Escuridão

**B**arulhos... vozes e dor. *Dor*. Engoliu em seco ao sentir-se a recuperar a consciência vindo da escuridão.

Viu uma cara desfocada por cima dele. Uma mulher com um chapéu branco. Uma enfermeira?

*Vozes.*

— Acho que está a vir a si. Clement? Clement, consegues ouvir-me?

As sombras aproximaram-se. Tentava focar-se lentamente: A mãe... com um vestido preto, a cara pálida, inclinando-se sobre ele. Tentou mexer-se, mas não conseguiu. Tinha qualquer coisa na cara. O quê? Uma ligadura... Onde estava?

— Ele consegue falar? — exigiu saber a voz impaciente do pai.

— Dê-lhe tempo, Darius. — Era a voz de outro homem. Um vislumbre da cara dele. Seria o Dr. Whatley? — É um milagre que tenha sobrevivido.

As pessoas ficaram novamente desfocadas, e sentiu uma picada forte. Uma agulha no braço.

Sentiu dor, mas logo diminuiu. Uma sensação quente e nebulosa instalou-se.

Depois uma recordação: *ela...* Anna — aquela *cabra*.

## A Rapariga do Casaco Verde

**D**eterminada a não ter de sucumbir à proposta de Suzanna de trabalhar para Rose, Anna saiu à rua decidida a descobrir a cidade, de olhos abertos a todas as possibilidades. Com certeza que era só uma questão de pensar positivamente, disse a si própria. *Alguma coisa há de aparecer, certo?*

Ia um pouco mais longe todos os dias; primeiro, foi até ao Museu Britânico e, depois, mais à frente até Trafalgar Square, deambulando pela National Gallery e maravilhando-se com as obras de arte.

Naquele dia percorria Shaftesbury Avenue e, ao caminhar, cantava *Bye Bye, Blackbird*, tentando manter-se firme e ignorar a chuva.

A mãe, Theresa, sempre lhe dissera que qualquer tipo de canto — exceto na igreja — era deselegante e desnecessário, mas Anna adorava música e costumava encostar o ouvido ao rádio quando estava sozinha para devorar o romance das mais recentes canções. Parou então um pouco para se abrigar sob o toldo de um teatro.

Ainda não estava aberto, por isso espreitou pelas portas de vidro para o átrio, olhando com ansiedade para a passadeira vermelha, imaginando o teatro por dentro. E se ficasse até à hora de abertura: será que podia encontrar o diretor e arranjar um emprego a vender bilhetes? Ou até como empregada de limpeza? Faria qualquer coisa. Qualquer coisa mesmo.

Viu então uma rapariga a correr pelo meio do trânsito, desviando-se dos guarda-chuvas e tentando impedir que o chapéu *cloche* de feltro lhe caísse da cabeça no afã. Anna não queria olhar ostensivamente, mas a rapariga tinha um aspeto absolutamente glamoroso, como se saída da capa de uma revista de moda.

Trazia um casaco comprido verde, bordado com o que pareciam ser figuras chinesas, com sapatos de camurça esmeralda debruados e adornados com fivelas incrustadas de brilhantes. Anna nunca vira tanta extravagância. Mas a rapariga parecia usar a roupa com toda a naturalidade, como se fosse uma túnica de fábrica.

Ainda tinha os olhos presos em cada detalhe quando a rapariga se aproximou da frente do teatro, um pouco mais abaixo do ponto em que Anna se encontrava, o que a obrigou a desviar rapidamente o olhar antes que parecesse indelicada. *Valha-me Deus. A rapariga trabalhava ali? Será que era uma das atrizes ou coristas que estavam no cartaz?*

Mas, quando deu outra espreitadela, viu a rapariga a olhar para o relógio de prata e depois a desviar o olhar na direção de Anna, como se estivesse à procura de alguém. Os olhos estavam pintados com lápis preto carregado, os lábios eram de um sedutor vermelho intenso e as faces cor-de-rosa encontravam-se brilhantes com a chuva.

Anna olhou fixamente em frente, batendo com a maleta de tecido contra os joelhos, sentindo-se desinteressante e cinzenta por comparação, o seu cantarolar baixinho a desvanecer-se ao mesmo tempo que o coração lhe batia forte. Era ridículo estar ali, a fingir ter um objetivo, quando nada podia estar mais longe da verdade. E fora apanhada a olhar, por isso, tinha de continuar a fingir.

Mas era tão difícil não olhar. *Meu Deus, a rapariga era mesmo linda.* Como é que se conseguia ficar assim? Como é que se conseguia parecer tão despreocupada e, no entanto, tão elegante?

— Não está à espera de ninguém, pois não? — perguntou-lhe a rapariga, como se tivesse acabado de lhe ocorrer uma ideia. Só depois de alguns instantes é que Anna percebeu que a rapariga se lhe dirigia. Tinha uma pronúncia americana nasalada. — Por acaso é amiga da Edith?

Os olhos da rapariga sondaram os de Anna e ela percebeu que era chegado o momento — o momento de a interromper e dizer que não fazia ideia daquilo a que se referia.

*Ou não.* Podia ser o momento de fazer precisamente o contrário — o momento de se tornar verdadeiramente outra pessoa. O momento de se tornar Verity Casey.

A jovem avançou subitamente para ela, estendeu a mão e agarrou Anna pelo braço. Sem esperar pela resposta, riu-se.

— Não seria engraçado, se fosse? Seria mesmo típico da safada da Edith deixá-la aqui pendurada, mas lá está, depois da noite passada, duvido que tenha ido sequer à cama — acrescentou ela num aparte confidencial, soltando depois uma gargalhada.

*Vá lá.* Impelia-a uma voz mais forte do que o medo. *Anda lá. Age.*

— Conhece a Edith? — perguntou Anna.

Nunca fingira algo tão audaz, mas não queria que a rapariga se fosse embora. Estava tão desesperada que correr tão monumental risco lhe parecia valer a pena.

— Ah! Eu sabia. Não me pergunte como, mas soube assim que a vi. A Edith disse que você tinha uma beleza... subtil. Mas estava enganada, claro. Você é simplesmente linda — disse a rapariga antes de enfiar o braço no de Anna e de a conduzir pelo passeio. Só de estar perto dela sentia-se iluminada pela luz das estrelas. — É melhor despacharmo-nos. Não queira saber como o Sr. Connelly fica quando alguém chega atrasado. A Edith terá de se encontrar connosco lá. Táxi!



---

## LONDRES, 1926

---

Anna Darton está em fuga, após ter sido forçada a cometer um crime terrível. Sozinha e assustada, encontra Nancy, uma moderna e irreverente corista de um famoso clube noturno londrino, que a arrasta para o seu mundo hedonista de dança, festas e moda. Anna vê, assim, a possibilidade de recomeçar a sua vida e de tentar esquecer um passado marcado por crueldade, domínio masculino e violência.

Reinventando-se, então, como Vita Casey, uma artista determinada e ambiciosa cuja fama ascendente promete levá-la muito longe. Quanto conhece o encantador Archie Fenwick, Vita vê a sua esperança renascer, acreditando na promessa de amor incondicional que ele lhe faz. Porém, sem se aperceber, o passado que Vita tanto se esforça por enterrar regressa para a assombrar.

Agora, as pessoas que lhe são mais próximas começam a sofrer. Será Vita a coragem de confrontar os segredos do passado e, ainda assim, evitar perder tudo aquilo que alcançou?

**Uma história intensa e envolvente  
que nos transporta para a cidade de Londres  
dos anos 1920, marcada pela extravagância,  
por conflitos laborais e pela luta persistente  
e corajosa das mulheres rumo à conquista  
de direitos e da independência.**

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-664-2



9 789896 686642

Literatura Traduzida